humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII

COIMBRA
MCMLXXIX-MCMLXXX

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, **Estudos sobre o Século XVI**. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, 394 pp., il.

O estudo da cultura portuguesa de Quinhentos depara com duas dificuldades que muito o têm limitado. Por um lado, a inspiração clássica que tanto a domina constitui um sério obstáculo para quem não tiver um bom domínio das culturas e em especial das literaturas latina e grega. Por outro lado, o desconhecimento do latim impede a leitura da obra dos humanistas. E como de modo geral os latinistas portugueses não têm sido estudiosos da nossa cultura, daí que a ausência de trabalhos nesse domínio específico se tenha manifestado de forma ampla, de tal modo que, até ainda há poucos anos, o humanismo português permanecia, nos seus diversos aspectos e autores, bem mais esquecido e ignorado do que investigado e estudado, nomeadamente no que se refere à influência dos clássicos. Hoje a situação é felizmente diversa. Esse campo, desconhecido na sua maior parte, tem sido desbravado, estudado, esclarecido. E de entre os exploradores da nossa cultura quinhentista, pelo valor e extensão da sua obra, avulta o Doutor Américo da Costa Ramalho, professor da Universidade de Coimbra. Em 1969, com os seus *Estudos sobre a Época do Renascimento*, e recentemente em os *Estudos sobre o Século XVI*, para referir apenas os mais amplos volumes publicados sobre esta temática, deu-nos um contributo extremamente relevante para o conhecimento do movimento cultural que, iniciado entre nós nos finais de Quatrocentos, floresceu ao longo da centúria seguinte.

O livro *Estudos sobre o Século XVI* apresenta-se sob a forma de colectânea de artigos e conferências, parte dos quais já divulgados pela imprensa. Em alguns casos, em nota de pé de página, tal é indicado, em outros não, parecendo-nos que teria sido sempre conveniente fazê-lo, principalmente para se conhecer a data da sua elaboração, que se estende por um longo espaço de tempo.

Parte desses trabalhos incide sobre aspectos do humanismo português. Neste âmbito, a conferência sobre a *Introdução do Humanismo em Portugal* e os estudos sobre Cataldo Sículo, Estevão Cavaleiro, André de Resende, Diogo de Teive, Aquiles Estaço, constituem, pelo valor da investigação implícita e pelo aprofundamento crítico, textos de leitura imprescindível a filólogos e a estudiosos da cultura portuguesa.

Outras incidências dos restantes estudos compilados são igualmente muito válidas, devendo sublinhar-se o tratamento erudito que lhes é dado, sem prejuizo de uma exposição aliciante, como é o caso, entre outros, da análise crítica das diferentes interpretações filológicas e semânticas da palavra «Lusíadas», do estudo sobre ditos e sentenças de quinhentistas portugueses e dos que versam sobre Gil Vicente. Destes últimos, a conferência sobre *Alguns aspectos do Cómico Vicentino* é particularmente feliz, identificando e analisando o Doutor Américo da Costa Ramalho diversos processos e técnicas de que o escritor se serviu para alcançar a comicidade nas diferentes expressões que esta assume na sua obra. Esses processos foram bastante variados e ainda recentemente nos foi dado salientar que, ao atribuir a um frade a pretensão de ser Bispo do Iheu de Peniche, tal não representa, da parte do dramaturgo, uma confusão com as Berlengas, como pretendeu o Prof. Paul Teyssier na recente edição crítica da *Romagem de Agravados*. Na realidade, Peniche era

referida no século XVI como ilha, provámo-lo documentalmente, e Gil Vicente escolheu-a porque, delimitada na sua pequenez, a insignificância do território servia optimamente para acentuar o ridículo da pretensão (*Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1977, vol. XI, p. 288).

Em todos os estudos reunidos no volume a que temos vindo a referir-nos, o contributo prestado ao aprofundamento do tema abordado, o esclarecimento sério e solidamente alicerçado é útil, é seguro, é valioso. O Doutor Américo Ramalho investiga bem, investiga a fundo e com exemplar orientação metodológica. Isso patenteia-se claramente nos resultados alcançados, nomeadamente nas diversas correcções que apresenta, com bom fundamento, a investigadores, alguns deles dos mais válidos da nossa cultura erudita. Mostra-se bem informado, conhece amplamente as fontes e estudos dos investigadores nacionais e estrangeiros. Casos, como a referência à Pedra de Dighton, onde nos parece que teria sido conveniente, a par dos estudos apontados, mencionar as análises da problemática suscitada pelas inscrições que no rochedo se traçaram ao longo dos tempos, das autorias de Damião Peres e Cordeiro de Sousa, que bem demonstram onde chegou a fantasia a esse respeito, são muitíssimo excepcionais.

Cremos, pois, poder dizer, com bom fundamento, que neste livro encontramos um dos melhores e mais sólidos contributos para o conhecimento da cultura portuguesa quinhentista.

É este o primeiro volume de mais uma colecção promovida pelo Centro Cultural Português de Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian, que surge sob a designação de «Humanismo Clássico e Humanismo Moderno».

Este Centro parece ter sido, desde o início, protegido por fada bem-fazeja e toda poderosa. O seu primeiro director, o Prof. Joaquim Veríssimo Serrão, imprimiu-lhe uma orientação em que se insere toda a actividade editorial desenvolvida, a qual, qualitativa e quantitativamente, talvez não tenha paralelo com nenhuma outra no mundo das realizações portuguesas desta natureza. O seu sucessor, o Prof. José Pina Martins, tem prosseguido e valorizado tal actividade de um modo tão criterioso, que o Centro Cultural Português é hoje do mais dignificante que se nos depara no âmbito da nossa vida cultural. Em prefácio breve e bem expressivo, justifica primorosamente o Prof. Pina Martins o título da nova colecção, apresenta o autor da obra e termina agradecendo à Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa do seu Presidente, Doutor José Azeredo Perdigão, que, pela forma culturalmente superior como a orienta, torna possível a actividade do Centro Cultural Português, o serviço relevante feito à bibliografia humanística portuguesa com a publicação da magnífica obra que veio a constituir o pórtico da nova e prometedora colecção. Tais são na verdade as boas e poderosas fadas que têm vindo a proteger a actividade do Centro Cultural Português de Paris.

FERNANDO CASTELO-BRANCO